

**A experiência com ayahuasca como uma via para o reconhecimento do
inconsciente.**

Felipe de Lima e Ferreira

Brasília, 09 de dezembro de 2016

Psicólogo - CRP 01/18828
www.ferreirafelipe.com.br
(61) 981 789 234

“A mais bela experiência que podemos ter é a do mistério. Ele é a emoção fundamental que se acha no berço da verdadeira arte e da verdadeira ciência. Quem não sabe isto já não consegue surpreender-se, já não sabe maravilhar-se, está praticamente morto e tem os olhos embotados. Foi a experiência do mistério – ainda que mesclada com a do medo - que gerou a religião. Saber da existência de algo em que não podemos penetrar, perceber uma razão mais profunda e a mais radiante beleza, que só nos são acessíveis à mente em suas formas mais primitivas, esse saber e essa emoção constituem a verdadeira religiosidade; nesse sentido, e apenas nele, sou um homem profundamente religioso.” Albert Einstein - Coletânea de citações sobre ciência e religião (1875-1955)

O presente artigo é fruto de pesquisas sobre artigos científicos relacionados ao uso religioso do chá denominado ayahuasca, que é uma bebida psicoativa feita a partir da decocção do cipó *Banisteriopsis Caapi* e da folha *Psychotria viridis*. Grupos sincréticos religiosos, ou também chamados de religiosidade cabocla, vêm fazendo uso desse chá em contexto religioso amparado pela Resolução nº 1 de 2010 do CONAD (Conselho Nacional de Política sobre Drogas), sendo essa a base legal para o uso do chá no Brasil. Esses grupos vêm chamando a atenção de pesquisadores internacionais quanto aos efeitos da ayahuasca, que é uma beberagem cujos principais alcalóides - dimetiltriptamina, harmina e harmalina - são enquadrados na categoria de substâncias alucinógenas na classificação psicofarmacológica corrente (Barbosa, 2001).

Etimologicamente, a palavra ayahuasca é de origem indígena, na língua quéchua, “aya” quer dizer “pessoa morta, alma, espírito” e “waska” significa “corda, liana, cipó ou vinho”. Assim a tradução, para o português, seria algo como “cipó dos mortos” ou “vinho dos almas” (Labate e Araújo, 2002).

No Brasil, essa bebida é comumente conhecida como Santo Daime ou Vegetal (Afrânio, 1999) se referindo às duas principais religiões que comungam esse chá em suas sessões religiosas, o Santo Daime e União do Vegetal, respectivamente, mas também recebem inúmeras outras nomenclaturas, tais como hoasca, daime, cipó, mariri, yagé ou kamarampi (Costa, 2011).

Existem registros do uso de psicoativos há milhares de anos e a ayahuasca era utilizada pelos indígenas Incas e tupis na região oeste do Amazonas. Foi pouco a pouco sendo descoberto pelos aventureiros brancos que se embrenharam na selva, principalmente com o advento da Segunda Guerra, à procura da borracha. Naranjo (2012), por exemplo, a partir de documentos arqueológicos da região, identifica copos especiais feitos de cerâmica antiga (400 a.C.-700 a.C.),

os quais eram utilizados para ingerir uma bebida sagrada, o autor indica que tal recipiente deve ter sido utilizado nos cerimoniais religiosos da ayahuasca.

Existem diversos contextos em que esse chá é usado, mas principalmente em rituais xamânicos e cultos religiosos brasileiros. O objetivo deste artigo não é ater-se à descrição desses contextos e as características de cada um desses rituais. Para isto, sugiro as produções de Barbosa (2001), Labate (2004), Andrade (1995).

O uso da ayahuasca é uma prática ainda pouco estudada e tem recebido uma crescente atenção da comunidade científica, inclusive por seu potencial terapêutico para tratamento de depressão (Araujo, 2015), uso abusivo de álcool e outras drogas (Mercadante, 2012). O uso recreacional de substâncias é frequentemente associado a comportamentos de risco para o indivíduo e para sociedade, porém, existem práticas tradicionais relacionadas à busca de transcendência e espiritualidade, ou mesmo um mergulho nas profundezas do inconsciente, que vem sendo estudados de formas distintas daquilo que é referido como “uso de drogas” pela maior parte da sociedade (Costa, 2011).

Os efeitos que o chá provoca foram descritos por MacRae, em seu livro *Guiado pela Lua*:

“Tal transe, ou viagem, acontece durante o que se costuma chamar de "estado alterado de consciência", rótulo que agrupa experiências em que o sujeito tem a impressão de que o funcionamento habitual de sua consciência se modifica e que ele vive uma outra relação com o mundo, consigo mesmo, com seu corpo, com sua identidade. Estes estados podem ocorrer espontaneamente, ou são induzidos através de técnicas de meditação, exercícios de respiração, jejuns ou pela ingestão de substâncias psicoativas” (MacRae, 1992:18).

Em minhas pesquisas encontrei poucas referências de estudos sobre a experiência com ayahuasca sob uma leitura psicanalítica. Meu intuito é me aventurar nessa tarefa, nada fácil, levando em consideração a complexidade que é a experiência clínica da psicanálise e de uma sessão de ayahuasca.

Nos artigos e livros pesquisados sobre a experiência com ayahuasca são relatadas diversas imagens que surgem de olhos fechados e as mudanças na percepção visual e auditiva. Essas imagens que surgem sob efeito do chá, são chamados de visões ou “mirações”. Será que podemos fazer uma comparação com as imagens que surgem sob efeito da ayahuasca com as

imagens que surgem nos sonhos?

Pesquisas recentes com neuroimagens fazem uma comparação da experiência com a ayahuasca com os sonhos, pois as áreas que são ativadas são semelhantes, observaram que a ayahuasca ativa uma região do cérebro relacionada à memória e outra ligada à visão, e a intensidade da ativação na área visual seria a mesma se a pessoa estivesse com os olhos abertos (Araújo, 2012).

No livro *A Interpretação do Sonhos* de 1900, Freud escreve que "os sonhos pensam essencialmente por meio de imagens..." e afirma "... que os sonhos alucinam - que substituem os pensamentos por alucinações" (Freud, 1900. p.68). Nesse sentido, entendo que o sonho cria representações visuais e acústicas, mas ao mesmo tempo revela uma ideia que pode ter sido dramatizada no sonho. No sonho, um pensamento é transformado em uma experiência vivida, sob forma de uma experiência alucinatória, ou seja psíquico "a prova de que o sonho é um ato psíquico pleno de sentido; suas duas características principais: a realização do desejo e a vivência alucinatória." (Freud 1916, p.175).

O método de análise dos sonhos, proposta por Freud, consiste em escutar um relato a partir do "conteúdo manifesto", ou seja, a lembrança que temos dos sonhos quando acordamos e assim pedir para que o sonhador faça associações sobre cada imagem ou parte do relato, mesmo que em um formato de um enigma, formar uma rede de pensamentos e desejos que revelam ser o fundamento do sonho, à qual denomina "conteúdo latente". (Mezan, 2003)

Sobre o conteúdo do sonho e sua estruturação enigmática Freud escreve:

"O conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. Os pensamentos do sonho tornam-se imediatamente compreensíveis tão logo tomamos conhecimento deles. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu valor pictórico, e não de acordo com sua relação simbólica, seríamos claramente induzidos ao erro. Suponhamos que eu tenha diante de mim um quebra-cabeça feito de figuras, um rebus." (Freud, 2001 [1900]. p. 276)

Freud afirma, em sua obra, que a interpretação dos sonhos é a via real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes da mente e que a função da interpretação seria

produzir a inteligibilidade desse sentido oculto (Garcia-Roza, 2004).

O autor considera o sonho uma experiência, diferenciando do ato de pensar, pois atribuímos uma "completa crença às alucinações" (Freud, 1900 p.68). As visões relatadas das sessões com ayahuasca possuem características semelhantes às descritas por Freud em relação aos sonhos. Alguns autores como Gastelumendi (2012), Naranjo (2012), afirma que essas visões são percebidas como uma revivência e que diferentemente do sonho, a pessoa está consciente e consegue lembrar-se dessas visões após a sessão.

Em "A Interpretação dos Sonhos", Freud usa sua auto análise para poder desvendar os enigmas dos seus sonhos. Nesse sentido, podemos nós próprios explorarmos questões obscuras quanto a exploração do nosso inconsciente durante uma sessão de ayahuasca? Seria possível uma interpretação dessas visões? Será que os conteúdos manifestos em nossos sonhos são semelhantes às visões que surgem sob efeito da ayahuasca?

O médico e psiquiatra chileno Claudio Naranjo em seu livro *Ayahuasca - La Enredarera Del Río Celestial*, trás alguns relatos das pesquisas quem vem fazendo há quase 50 anos com a ayahuasca que podem ilustrar algumas das visões que surgem nessas sessões:

“La más clara de las imágenes que captó fue muy típica del mundo de la harmalina en su vertiente infernal: estaba de picnic con su familia, sentados en círculo alrededor de una hoguera en la que estaban asando a... su padre.”
(Naranjo, 2012 p.270)

Visões relatadas em diversos artigos Gastelumendi (2012), Labate (2004), Barbosa (2001), Naranjo (2012), apontam para visões biográficas dinâmicas com pessoas próximas, familiares e amigos. Essas visões podem ser percebidas como uma revivência e não apenas como uma lembrança. Essas imagens que desde uma perspectiva psicanalítica tem a função de fazer aparecer o desejo que o discurso oculta, e esse desejo é o da nossa infância, com toda a carga de interdições a que é submetido. O único modo desse desejo aparecer, de transpor a barreira imposta continuamente pela censura, é de uma forma distorcida, cujo exemplo privilegiado é o sonho manifesto.

Essas revivências ou vivências com ayahuasca podem promover uma tomada de consciência? Podemos pensar a experiência do uso da ayahuasca como uma via para reconhecimento do inconsciente? André Green considera o desconhecimento do inconsciente um

aspecto inevitável de sua própria condição e também argumenta que seu reconhecimento não é pautado pela lógica da consciência. De fato, o que existe é uma *tomada de consciência* como forma momentânea de acesso, ilustrada pelo autor através do exemplo do *insight* e da introversão, também alcançada a partir do sonho, da fantasia, dos lapsos, atos falhos, etc., sustentada na noção de *aprè-coups*, formulada a respeito de um acontecimento passado. O autor questiona se é realmente necessária a consciência para que o inconsciente seja reconhecido. É curioso o emprego da ideia de “reconhecimento” nesse contexto, pois pode indicar dois pontos de vista. Do ângulo do sujeito, o reconhecimento de seu próprio inconsciente indica o ingresso momentâneo em uma instância a qual o acesso estava proibido, inacessível, mas não desconhecido. Não se trata de uma "descoberta" e sim de um reencontro, demonstrando que sua existência era conhecida. Reconhecer o inconsciente implica em rever algo familiar que tinha sido deixado de lado.

O acesso, mesmo que momentâneo, nesta instância proibida e inacessível do inconsciente vou chamar de *insight*. Sabemos que o *insight* não é o final do processo de mudança em análise, mas sim, requer um longo trabalho de elaboração realizado no vínculo analítico. Os pensamentos que acompanham as visões, durante uma sessão com ayahuasca, inundam a percepção em um estado de consciência alerta que leva a conexões associativas com um alto componente emocional (Gastelumendi, 2012).

O psicanalista Marco Antonio Coutinho afirma que em um processo psicanalítico existe algo de um despertar. Interessante a forma como ele descreve essa experiência. Podemos pensar algo semelhante para um experiência com ayahuasca? Segue trecho do seu livro *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan Volume 2*:

“A experiência analítica visa, em última instância, ao despertar. Despertar do sono no qual o sujeito se achava mergulhado e que dava algum sentido à sua vida. Com ele, o sentido deverá ser reinventado, e a liberdade que então advém é congruente com uma radical entrega a tudo aquilo que porventura possa vir do real. A análise restitui a via de mão dupla inerente ao humano e recupera o terreno que, de outra forma, estaria perdido para sempre. Há, assim, uma homologia estrutural entre a análise e a criação no lato sensu: ambas almejam a produção do sentido novo para além dos sentidos já dados.” M.A.C. Jorge

Freud em *Além do princípio do prazer* (1920), diz que a psicanálise é a arte de interpretar resistências. Em psicanálise geralmente as associações que são ocultadas de um sonho são as que mais nos interessa. Uma das tarefas técnicas mais difíceis de superar são as resistências que repetem posturas e sentimentos, mediante a chamada “transferência”, ou seja, quando a repressão de um ato apto a se tornar consciente é tornado inconsciente. O processo de reconhecimento do inconsciente pode ser difícil de suportar, entrar em contato com algo que se aproxima da verdade da nossa história pode promover movimentos contrários, que vão em direção ao desconhecimento do nosso próprio inconsciente.

A resistência à ayahuasca se dá por um medo de perder o controle do seu corpo e de sua mente, de viver uma experiência estranha ou de “enlouquecer” (Gastelumendi, 2012). Não são poucos os relatos na literatura científica que falam das reações da ayahuasca no corpo e na mente, causando vômitos, diarreias, tonturas, dormência e visões aterradoras, que nas religiões caboclas são chamadas de “peias”. Tais fenômenos são entendidos como parte do processo de cura e são atribuídos a mudanças de vida. Essas vivências são associadas ao tema da angústia e desamparo provocado pela intensidade da vivência e a passividade que se encontra frente a essa situação (Silva, 2004).

Se me acompanharam até aqui, após tantas elucubrações sobre experiências tão distintas como a experiência com a ayahuasca e a psicanálise, me arrisco a fazer mais uma ponte. Podemos fazer uma comparação da “peia” com sonhos desagradáveis? Trago para essa reflexão um trecho de Garcia-Rosa do livro *Freud e o Inconsciente*:

“Os sonhos desagradáveis são também realizações de desejos. Seu caráter desagradável vem do fato de que seu conteúdo escapou, em parte, à ação da censura, deixando aflorar um desejo inconsciente que, por ser inaceitável para a consciência, produziu ansiedade. Freud chama atenção ainda para os sonhos de punição. Também eles são desagradáveis e, no entanto, correspondem à realização de desejos: o desejo do sonhador de se punir por ter um desejo proibido. Além do mais, como salienta Freud, a punição é também a realização de um desejo: do desejo de outra pessoa, a que censura” (Garcia-Rosa, p.86 1994)

Durante uma sessão de ayahuasca o que será que acontece com a resistência do participante? A experiência com a ayahuasca pode amenizar a amnésia infantil? Será que, ao alterar o funcionamento psíquico de uma maneira próxima à configuração subjetiva que o sonho

promove, teríamos uma via de acesso ao inconsciente?

Se a hipótese que desenvolvi ao longo desse texto fizer algum sentido, de que talvez, a experiência com ayahuasca possibilita uma via para o reconhecimento do inconsciente, será que podemos pensar nesta experiência como um processo de auto análise?

Freud escolheu Fliss como leitor privilegiado de sua auto análise, que me faz entender a necessidade um terceiro para que haja um endereçamento dos relatos do sonhos e dessa maneira desvendar o enigma ali contido. Em uma sessão de ayahuasca há também um endereçamento para um Outro, seja ele o xamã, o mestre, o professor, a entidade, ou a Deus, para que assim, consiga auxiliar na construção de um sentido para experiência.

O conceito de auto análise parece caro para a psicanálise, o próprio Freud em novembro de 1897 interrompeu sua auto análise pois achou que estava bloqueada por uma resistência e que tinha a sensação que lhe faltava alguns conceitos chaves que só encontraria nas análises de seus pacientes (Anzieu, 2000).

Roudinesco (2014) afirma que o conceito de auto análise é intangível para psicanálise, pois engendra em uma possibilidade infinita de discursos suscetíveis de ser reinterpretados.

Entendo que para a psicanálise a origem externa ou interna de algum acontecimento tem o mesmo valor, pois não adquirem existência para o sujeito quando se representam na realidade psíquica. Nesse sentido a tomada de consciência, pode ocorrer em diversos espaços e me arrisco a dizer que uma sessão de ayahuasca pode ser um destes espaços.

Para concluir acredito que esse trecho do livro do Miller *Percurso de Lacan Uma Introdução* lança luz sobre algumas reflexões feitas neste artigo:

“Algo proporcionado efetivamente pela psicanálise é que a vida é fundamentalmente uma repetição, que temos a ilusão do novo, mas, de fato a vida é constituída pela repetição. Precisamos de uma psicanálise para notarmos esses limites tão estreitos em que estamos capturados por um número extremamente limitado de significantes. No que se refere a isso, não somente somos pouca coisa - como a religião nos tem ensinado e repetido -, mas também vivemos em um sonho. O que Lacan evoca, muito precisamente, é que não se sonha simplesmente quando se dorme - quando a gente acorda, muitas vezes é para continuar dormindo, dormindo com os olhos abertos, e assim passamos todo o nosso tempo. No momento em que nos aproximamos, no sonho, do que é verdadeiramente real em nós, é nesse momento que acordamos, porque nos dá medo, acordamos para continuar dormindo.” (Miller, 1988, p.92)

Encontramos em Lacan o paradoxo que ele trata o tema da verdade, propondo que esta tem a estrutura de uma ficção, sendo que o trabalho da clínica nos mostra que uma verdade é um exercício de construção, significa que é não-toda, não é absoluta. Com isso nos faz pensar no caráter coletivo de uma ficção que se constitui quando compartilhada para sustentar uma verdade. Essa construção ficcional que sustenta o sujeito na vida e implica seu desejo, instituindo a direção de sua experiência.

Lacan afirma que não há nada na linguagem que possa distinguir o falso do verdadeiro. Por isso há fé no discurso. Há uma palavra referendada, como se houvesse um referendo de um grande Outro, que encarna e autoriza a dizer dessa questão da fé e da verdade. Se podemos entender, a partir de Lacan, que a nossa própria história de vida é uma ficção, é a fé nessa ficção que permite que nosso eu se estruture, mesmo sendo a fé uma coisa que não é real. A fé na morte é estruturante do nosso universo simbólico e nossa única certeza.

A experiência com ayahuasca talvez nos prepare para a morte, como a própria palavra ayahuasca aponta “cipó dos mortos”, mas também podemos entender essa morte como simbólica, deixando para trás antigos hábitos e antigas formas compreender nossa vida e nossa história.

Bibliografia

ANDRADE, A.P. **O Fenômeno do Chá e a Religiosidade Cabocla. Mestrado em Ciências das Religiões**, Instituto Metodista de Ensino Superior. (1995)

ARAÚJO, D. B.; Ribeiro, Sidarta; Cecchi, Guillermo A.; Carvalho, Fabiana M.; Sanchez, Tiago A.; Pinto, Joel P.; de Martinis, Bruno S.; Crippa, Jose A.; Hallak, Jaime E. C.; Santos, Antonio C. - **Seeing with the eyes shut: Neural basis of enhanced imagery following ayahuasca ingestion - HUMAN BRAIN MAPPING, HOBOKEN**, v. 33, n. 11, supl. 1, Part 1, pp. 2550-2560, NOV, (2012)

ARAÚJO D.B. ,Osório F.L., Sanches R.F , Macedo L. R., Santos R.G., Maia-de-Oliveira J.P., Wichert-Ana L. , Riba R., José A. C., Jaime E. H - **Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with recurrent depression: a preliminary report - Rev. Bras. Psiquiatr.** vol.37 no.1 São Paulo Jan./Mar. (2015)

ANZIEU, D. - **Psicanalisar** - Editora Idéias & Letras. São Paulo. (2000)

BARBOSA, P. C. R., Dalgalarondo, P., Giglio, J. S., & Uchoa, E.. **Psiquiatria cultural do uso ritualizado de um alucinógeno no contexto urbano: Uma investigação dos estados de consciência induzidos pela ingestão da ayahuasca no Santo Daime e União do Vegetal em moradores de São Paulo.** Universidade Estadual de Campinas . Faculdade de Ciências Médicas. (2001)

BRITO GS. **Farmacologia humana da hoasca (chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil).** In: Labate BC. O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livraria; P.623-71. (2004)

FREUD, S. . - **A Interpretação dos sonhos** - Editora Imago Rio de Janeiro. Trabalho publicado em 1900. (2001)

FREUD, S. - **Conferências introdutórias à psicanálise** - Obras completas volume 13 - Companhia das Letras - São Paulo. Obras publicadas entre 1916-1917. (2014)

GROB CS, Mckenna DJ, Callaway JC, Brito GS, Neves ES, Oberlaender G, et al. **Human Psychopharmacology Of Hoasca, A Plant Hallucinogen Used in Ritual Context in Brazil.** J Nerv Ment Dis;184(2):86-94 (1996)

GARCIA-ROZA, L. A . **Freud e o inconsciente.** 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (2004)

JORGE, M. A. C. **Fundamento da psicanálise de Freud a Lacan, v. 2: A clínica da fantasia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (2010)

LABATE, B.C. & Araújo, W. S. (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca.** 2ª ed. Campinas: Mercado de Letras. (2004)

LUNA, L. E. & AMARINGO, P. **Ayahuasca Visions: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman.** North Atlantic Books, Berkeley, CA. (1991)

RIBEIRO, S. **Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro.** Revista Brasileira de Psiquiatria (São Paulo), v. 25, n. Suppl II, p. 59-63, (2003).

ROUDINESCO, E. – **Sigmund Freud Na sua Época e Em Nosso Tempo** – Editora Zahar. (2014)

MACRAE, E. - **Guiado pela Lua: O Xamanismo e o uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime.** Brasiliense, São Paulo. (1992)

SILVA, L. O. (2004) da. **Marachimbé veio foi para apurar. Estudo sobre o castigo simbólico ou peia no Santo Daime.** Dissertação de mestrado em Ciência das Religiões. PUC/SP, 20 de outubro de 2004.

MERCADANTE, Marcelo S. (2013) - **A ayahuasca e o tratamento da dependência** - Mana vol.19 no.3 Rio de Janeiro Dec. 2013

MILLER, J.A. (1998) - **Percurso de Lacan: Uma introdução** - Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro.